



Revista *aSEPHallus* de Orientação Lacaniana  
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo  
ISSN 1809 - 709 X

## **Pós-modernidade e modos de subjetivação: proposições da psicanálise do campo de Freud e Lacan**

### **Maico Fernando Costa**

Graduado em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - FCL/Unesp, Assis, SP  
Aprimoramento pelo Programa de Aprimoramento Profissional em Saúde Mental e Saúde Pública do  
Departamento Regional de Saúde (DRS) IX - Marília/SP  
Mestrando no curso de Pós-Graduação em Psicologia e Sociedade pela UNESP - Campus Assis.  
E-mail: [maicofernandodd@gmail.com](mailto:maicofernandodd@gmail.com)

### **José Sterza Justo**

Professor Livre Docente do Departamento de Psicologia Evolutiva e Escolar –  
UNESP – Campus de Assis  
Doutor em Psicologia (Psicologia Social) pela Pontifícia Universidade Católica de  
São Paulo (São Paulo, Brasil)  
E-mail: [sterzajusto@hotmail.com](mailto:sterzajusto@hotmail.com)

---

**Resumo:** Este artigo discute os processos e modos de subjetivação na pós-modernidade, particularmente, no que diz respeito à produção de experiências específicas de tempo-espço. Tem como referencial a psicanálise na perspectiva de Freud e Lacan. Com a aposta na psicanálise, podemos supor um sujeito do inconsciente, produtor de desejo, no indivíduo tomado por objeto.  
Palavras-chave: pós-modernidade; tempo-espço; sujeito; psicanálise.

---

### **Post-modernity and modes of subjectivization: Proposals of psychoanalysis from Freud's and Lacan's orientation**

With this article we intend to discuss the processes and modes of subjectivization in post-modern age, particularly with regard to the production of specific space-time experiences, referenced in the perspective of psychoanalysis as in Freud and Lacan. By wagering on psychoanalysis, we can outline an unconscious subject, producing desire in the individual taken for an object.

**Keywords:** post-modernity; space-time ; subject; psychoanalysis.

---

### **Postmodernité et modes de subjectivation: la perspective psychanalytique de Freud et Lacan**

On analyse dans cet article les procès et modalités de subjectivation, dans la perspective psychanalytique de Freud et Lacan. Nous faisons également une identification et un encadrement de la subjectivation dans le contexte propre de la posmodernité, en tant qu'il s'agit de la production d'expériences espace-temporelles spécifiques et singulières. En misant sur la psychanalyse, nous pouvons supposer un sujet de l'inconscient, producteur de désir dans l'individu pris pour objet.

**Des mots clés:** posmodernité; l'espace-temps; sujet; psychanalyse.

## **Pós-modernidade e modos de subjetivação: proposições da psicanálise do campo de Freud e Lacan**

*Maico Fernando Costa & José Sterza Justo*

“O que é, por conseguinte, o tempo? Se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei”. (Santo Agostinho, 1999, p. 322)

### **Introdução**

O Tempo e o Espaço podem ser tomados como duas categorias fundamentais da existência, embora não sejam reconhecidos, explicitamente, por boa parte das teorias no campo das ciências humanas (Harvey, 1992). A modernidade trouxe, para o homem, mudanças significativas na sua experiência de tempo e espaço (Berman, 1986; Giddens, 1992), alterando profundamente a produção de subjetividade. O tempo abstrato e o deslocamento de um lugar a outro, trouxeram as experiências do “desencaixe” e “reencaixe” do convívio social (Giddens, 1992). A aceleração do tempo produziu uma experiência de vertigem na experimentação do ritmo de vida na cidade moderna (Berman, 1986) e, mais ainda, a compressão tempo-espaço trouxe a experiência da instantaneidade e da inflação do presente, na pós-modernidade (Harvey, 1992).

Na atualidade prolifera a experiência do espaço aberto e tempo contínuo (Deleuze, 1992), colocando a vida em movimentação constante, sem parada, e sempre em busca de algo mais ou além, portanto, sem que qualquer projeto ou qualquer objetivo possa ser concluído. Trata-se de um mundo vivido no berço da globalização, sob o estatuto de um mercado onde tudo, inclusive as condutas e os modos de subjetivação, é atravessado pelo fetiche da mercadoria e oferecido como objeto de consumo em cobijas e sedutoras vitrines. Neste cenário encantador e paradisíaco, o semiocapitalismo<sup>1</sup> (Bifo, 2007), aliado à tecnologia da invenção (tecnociência) e da imaginação (Cabrera, 2006), coloca em circulação como principal mercadoria as imagens, signos, ilusões coletivas e sujeitos individualizados, anestesiados, imersos numa sociabilidade refratária à permuta de afetos e construção de vínculos (Colvara, 2011). Há uma predominância da experiência subjetiva característica do que Jacques Lacan (1949/1998b) chamou de imaginário no *estádio do espelho*; sobrepondo-se a um *simbólico* ineficaz e frouxo. O *Simbólico* aqui entendido precipuamente como possibilidade singularizada de inscrição do sujeito no laço social. Quando na separação da alienação ao desejo do Outro, é lançado à busca daquilo que lhe falta-a-ser sob as prescrições da Lei do Desejo (Fink, 1998). Na sociedade pós-moderna, no bojo de uma cultura hedonista e narcisista, a Lei do Desejo ganha a “concorrência” de uma outra lei, desta vez imperativa à alienação ao discurso do Outro. É o que Jacques Lacan (1991/1992) descreveu como Discurso do Capitalista, um discurso que não faz laço social – e que, portanto, rejeita a *Le<sup>2</sup>* – ao passo que fomenta a *suposta* obtenção do

prazer sem fronteiras. Desta forma, a experiência subjetiva só pode incorrer num gozo que de tanto gozar, por efeito, é angustioso.

Isso só pode acentuar as características da alienação já presentes na produção e no consumo do MCP<sup>3</sup>. Podemos nomear essa circunstância: sociedade da "alienação ao desejo do Outro" (com gozo, sobretudo corporal, como seu correlato) e de "alienação ao discurso do Outro", isto é, os indivíduos estão predispostos a responder afirmativamente às interpelações feitas pelos significantes ideológicos mais pregnantes no discurso social. Nesse estado da consistência sociossimbólica da Formação Social, parece haver maior facilidade em suportar o próprio sofrimento e o do outro que sofre [...] através de um cuidado compassivo e da própria compaixão. (Costa-Rosa & Rosa, 2011, p. 325)

Nomeamos dois cenários possíveis na pós-modernidade (que podem se bifurcar em outros mais): a) aquele, ainda corriqueiro no discurso social de premissa moral, sustentado no amor e na compaixão; b) aquele do sujeito se excedendo como indivíduo num consumo onde a felicidade é o prisma que irá servir de esterilização à dor (Freud, 1930[1929]/1996c). O mundo pós-moderno tende para o imediatismo, reduzindo a durabilidade de objetos e promovendo a obsolescência programada e sistematizada dos produtos a fim de agilizar a rotatividade de mercadorias (Harvey, 1992). Desta forma, tais como trocas de roupa, temos a massificação de identidades a todo o momento em um extremado processo de aquisição e descarte dos "perfis-padrão" oferecidos pelo mercado (Rolnik, 1997). Mover-se constantemente é a ordem, sob o imperativo de um tempo acelerado (Bauman, 1998). Encontramo-nos, desta maneira, imersos num cenário "fundido" e infértil quanto ao que podemos pensar como criação e produção de sentido novo e singularizante. As pessoas habitam um mesmo lugar e a despeito disso cada vez menos se encontram. Nesta vida frenética, automatizada e reiterativa, as possíveis trocas de potencial simbólico entre as pessoas se esvaem. A experiência subjetiva, na negação do simbólico singularizante, resume-se ao que é dado à visibilidade fulgurante, ao que é aparente e unificador: o *Imaginário* sem potencial de simbolização (Rinaldi, 2011).

A psicanálise rompe com o dualismo cartesiano e com o primado kantiano da razão, proclamando como sendo a máxima do sujeito: o *penso onde não sou*. Outrossim, Lacan vai justamente pensar o sujeito por um caminho específico, que o situa na linguagem enquanto significante que o representa para outro(s) significante(s) (Quinet, 2008). Portanto, o presente trabalho, a partir de uma revisão bibliográfica, preocupando-se com o sujeito em seus modos e processos de subjetivação, tem por objetivo problematizar este momento histórico nomeado por alguns autores como pós-modernidade (Lyotard, 1989; Harvey, 1992; Connor, 2004). A psicanálise do campo de Freud e Lacan será a instrumentação teórica que utilizaremos para desenvolver (em *extensão*) essas reflexões, a partir de fenômenos que costumeiramente tem chegado à clínica.

## **A lógica do tempo-espaço segundo a psicanálise de Freud e Lacan**

O tempo-espaço pode ser visto da seguinte maneira: o espaço como materialização da realidade psíquica e um tempo encarado como lógico. O espaço seria a morada edificada do inconsciente, modulado por um tempo que se processa incessantemente em cada instante de ver, refletir e concluir (Lacan, 1966/1998a). Em seu texto "O inconsciente", quando discorre sobre as características temporais do inconsciente, Freud (1914/1996) diz que os processos desse sistema são atemporais e não ordenados com qualquer referência aos ponteiros do relógio ou a qualquer outro tipo de marcador cômico do tempo.

Desta maneira, ao dizer que os processos inconscientes não operam com a noção deste tempo, enuncia que "seu destino depende apenas do grau de sua força e do atendimento às exigências da regulação prazer-desprazer" (Freud, 1914/1996, p. 192). Atemporal e concernente à realidade psíquica, a busca do prazer visa a satisfação imediata, sem qualquer aguardo ou retardamento. A isso Freud (1914/1996, p. 192) chamou de "processo primário", ou seja, a busca de prazer pelo caminho mais rápido, encurtando o tempo, ou, se possível, abolindo-o completamente. Mas o que poderia criar o tempo de assunção do sujeito pelo significante, nesta fissura que se abre entre o adiamento e a compulsão? De onde operam mediadores como a linguagem e o processamento subjetivo? Podemos falar de tempo neste contexto?

Lacan (1986/1997) nos adverte que o mundo o qual enxergamos como perceptível aos órgãos sensoriais, não passa de ficção, ou seja, toda realidade [verdade] tem uma estrutura de ficção. Nosso tempo e espaço é subjetivado na relação do sujeito com o Outro da linguagem (dimensão simbólica-criativa-desejante). O sujeito não está todo no campo da consciência, aparece como efeito na cadeia significante e se abole ao nela entrar. Afirmamos que, para a psicanálise, o tempo é do sujeito, ou melhor, o tempo é o tempo do sujeito. Por isso, não situamos o tempo do inconsciente no tempo *cronos* do relógio. Utilizando-se de um problema de lógica, Jacques Lacan, no enigma dos prisioneiros, vale-se desta oportunidade para explicar a relação do tempo lógico com o inconsciente. O sujeito na asserção de certeza antecipada,

(...) atinge uma verdade que será submetida à prova da dúvida, mas que ele não poderia verificar se não a atingisse, primeiramente na certeza. A *tensão temporal* culmina aí, pois, como já sabemos, é o desenrolar de sua distensão que irá escandir a prova de sua necessidade lógica. (Lacan, 1966/1998, p. 206-207)

Vejamos que, neste trecho, a verdade em sua relação com o tempo esvai-se da concepção canônica de linearidade e comprovação de fatos, entendida pela ciência através de observações. Diferentemente deste modo de compreensão deontológico, de uma ética do dever, a certeza de que falamos é colocada à prova pelos acontecimentos que exigem uma resposta do sujeito suposto no

indivíduo. É aquela que (re)age de maneira retroativa, produzindo sentidos novos emergidos na antecipação do sujeito em seu ato de concluir uma questão, depois de a ter compreendido. É isso que Freud nomeou como *Nachträglich* (a *posteriori*), e que mais tarde será ressignificado por Lacan como *après-coup*, resumidamente na questão do só-depois (Gondar, 2006; Rivera, 2008). Será mais lógico dizermos que a verdade de que se trata no inconsciente, retornada muitas vezes em forma de sintoma, é uma verdade velada, que não poderá ser atingida de outra maneira senão em seus efeitos de fagulha, na relação com o seu objeto causa de desejo. Destarte, destacamos que na medida em que um sujeito se depara com uma situação, e ao vê-la, ele se move na antecipação de uma resposta após um tempo de compreender, e neste sentido uma torção no espaço também é realizada. A transformação provocada no tempo, por efeito, encontra no espaço o terreno para novas formas de se produzir a realidade (Gondar, 2006; Poli, 2008; Rivera, 2008).

O sujeito inscrito pelo significante, o significante da metáfora paterna, poderá habitar o laço social, e isso não vem senão a partir de um momento primeiro da unificação com o Outro da maternagem. Portanto, podemos dizer que o sujeito já tem seu lugar antes mesmo de advir enquanto um corpo (imaginário/simbólico). O que o retira da dimensão imaginária eu-ideal ( $i(a)$ ), inserindo-o na dimensão simbólica desejante da falta-a-ser ( $I(A)$ ), é um processo de subjetivação primária, a extração, saída do objeto do gozo do Outro para ascender como sujeito na relação com o que Lacan nomeou de "objeto  $a$ ", objeto metonímico causa-de-desejo. "Nada é do que não nasceu, e tudo o que existe não vive senão na falta a ser" (Lacan, 1986/1997, p. 353). O objeto  $a$ , como objeto metonímico do desejo, é o que *im-pulsionará* o sujeito às vinculações com seus ideais socioculturais ao longo da vida. Se, por um lado, na dimensão imaginária-tautológica-demandante o sujeito é acometido pelo gozo ao se deparar com a angustiada insatisfação no encontro com o objeto, por estar mais preso à vertente da demanda (que é o desejo inconsciente fixado aos significantes do Outro), por outro lado, na dimensão simbólica-criativa-desejante, o sujeito não se satisfaz com um objeto encontrado, mas tira desse encontro uma satisfação possível, sempre projetando sua demanda em um objeto Outro (Périco, 2014).

Dialeticamente produzido e em constante processo, o sujeito em sua singularidade simbólica-criativa-desejante se representa por um significante em relação a outro(s) significante(s). Nesta dimensão, o significante carregado na teia de sentidos é o lugar onde o sujeito procurará articular o seu desejo, buscando em cada produção de  $S_1$  se separar do *desejo do Outro* (Lacan, 1998/1999). Essa é a psicanálise, propondo-se a pensar o sujeito refém na dimensão alienante-imaginária, porém não mais se ele ascender à dimensão simbólica-desejante, inscrito pela linguagem. Por excelência, o sujeito do inconsciente, desejante, *ex-siste* entre significantes.

### **Imaginário, gozo e consumo**

E se entrarmos na contramão disso tudo, reconhecendo o tempo em seu sentido linear da vida cotidiana, qual sujeito poderíamos conceber quando envolto pelas produções capitalísticas de

sujeitamento à mais-valia? Os amontoados de pessoas, capturadas pelo embotamento e produzidas na sociedade de consumo. Teríamos um sujeito subjetivado num mundo corroído pelos efeitos do capital, com a promessa de que a sua demanda poderá ser suprida na cultura utilitarista da imagem?

Nesta perspectiva, as noções de tempo estendidas ao cronológico seriam uma prerrogativa da consciência. Na sociedade de consumo estas noções seguem impostas pelas forças dominantes, instituídas fundamentalmente num tempo fantasioso e homogêneo (Giddens, 1992; Bergson, 2006), levando adiante a acumulação do capital.

Em *O seminário 17: o avesso da psicanálise*, Jacques Lacan transmite-nos a teoria dos discursos produzidos como laços sociais, na qual ele fala sobre uma inversão do discurso do mestre antigo para o do senhor moderno. O discurso do capitalista será um discurso que não produz laço social, fazendo do próprio consumidor o objeto daquilo que ele consome (num laço psicotizante), forcluindo (rejeitando) a metáfora paterna e alienando o indivíduo a um gozo todo pleno:

O sinal da verdade está agora em outro lugar. Ele deve ser produzido pelos que substituem o antigo escravo, isto é, pelos que são eles próprios produtos, como se diz, consumíveis tanto quanto os outros. *Sociedade de consumo*, dizem por aí. *Material humano*, como se enunciou um tempo – sob os aplausos de alguns que ali viram ternura. (Lacan, 1969-1970/1992, p. 33)

Marx (1857/2005), na segunda metade do século XIX, acentuava a extrema relevância que tinha o capitalista na constituição das Formações Sociais<sup>4</sup>. Ele dizia que os modos de produção da vida material condicionam, realizam a vida social, política e espiritual dos indivíduos. Não é somente a consciência produtora do social, mas o social também produz a consciência e, considerando o momento histórico no qual Marx se situava, podemos localizá-lo no alvorecer da modernidade, início da segunda Revolução Industrial (a chamada “Administração Científica” criada por Frederick Taylor). O Modo Capitalista de Produção (MCP) brotava aí como o grande sistema de movimento e manutenção da sociedade em franco desenvolvimento. Marx foi astuto ao perceber as influências do modo de produção do sistema capitalista na vida das pessoas. Todavia, talvez soubesse que a força impulsionadora do capital, atrelada à tecnologia e à globalização mundial, profanaria não só na produção das relações, mas em vidas inteiras. Tudo isso a favor de uma indústria cultural vendedora de (falsas) necessidades, promulgando demandas ideologicamente incutidas, visando os interesses econômicos da classe social dominante. “A produção não produz, pois, unicamente o objeto do consumo, mas também o modo de consumo, ou seja, não só objetiva, como subjetivamente. Logo, a produção cria o consumidor” (Marx, 1857/2005, p. 32).

A expressão *capitalismo tardio*, atualmente empregada sobretudo por Jameson, não alude a uma quebra ou ruptura em relação a algo que o precedeu; mas sim a uma nova configuração do capitalismo. Passamos por transformações que não necessariamente excluem formações e modos

de representação anteriores do que presentemente se manifestam (Jameson, 1997). Assim, partimos das presentes transformações para encará-las como adjacentes ao consumismo entendido como aquisição exacerbada de mercadorias.

Essa expressão é não só uma tradução quase literal da outra expressão, *pós-modernismo*, mas também seu índice temporal parece já chamar a atenção para mudanças nas esferas do cotidiano e da cultura. Dizer que meus dois termos, o *cultural* e o *econômico*, se fundem desse modo um no outro e significam a mesma coisa, eclipsando a distinção entre base e superestrutura, o que em si mesmo sempre pareceu a muitos ser uma característica significativa do pós-moderno. (Jameson, 1997, p. 25)

Dessa forma, podemos entender como um dos traços importantes da atualidade ou do pós-moderno a fusão entre infra e superestrutura, significando, no que nos interessa, a transformação da subjetividade e do apagamento do sujeito em mercadoria: o consumidor é, ele próprio, também transformado em objeto de consumo oferecido no mercado e disputado pelo capital como a fonte de sua alimentação. Quinet (2006), corroborando esta ideia, falando das neurociências e da psicofarmacologia, destaca no discurso do capitalista um discurso na esteira do imperativo do ter, forjando um sujeito petrificado em permanentes modos de existência, deparando-se com um Outro capaz de lhe fazer de objeto.

É mister a proeminência que o Outro social assume na “formação” do sujeito, servindo de ponto de referência nos seus processos de constituição e subjetivação. São processos que se desenrolam tendo como elementos primordiais o corpo e a imagem. Os espaços de convívio são reveladores da deterioração das relações intersubjetivas, de natureza simbólica, pela constante habituação consumista. Não é por acaso que impasses psíquicos surgem submersos na onipotência narcísica do individualismo, para citarmos alguns: as anorexias, as bulimias e as toxicomanias. Greiner e Amorim (2007), discutindo a atualidade, trabalham a ideia de um corpo capturado pelas aparências forjadas pela instauração de bioidentidades. *Seres* individuados – não mais sujeitos – sujeitados pelos ditames da indústria cultural, marionetes programadas para o palco da sociedade do espetáculo (Debord, 1994).

Sigmund Freud reportando-se a instituições, principalmente a religião, já identificava na sua época, em seu texto “O mal-estar na civilização”, o que buscam as pessoas quando sofrem de uma (re)pressão externa. Elas “esforçam-se para obter felicidade; querem ser felizes e assim permanecer (...). Por um lado, visa a ausência do sofrimento e de desprazer, por outro, à experiência de intensos sentimentos de prazer” (Freud, 1930[1929]/1996, p. 84). Há, portanto, a ressalva de se demarcar que a digressão de Freud, de certo modo, contrapõe-se, em relação a alguns aspectos, que são pertinentes à sua época, à concepção de sujeito na pós-modernidade. Este sujeito de quem fala

Freud é objeto de uma opressão aterradora, exposto ao refreamento do prazer e à condenação à liberdade sexual. As instituições, a serviço dos ideais civilizatórios, são os obstáculos deste prazer que quer se ver livre e ir além.

O indivíduo pós-moderno é impelido justamente a buscar o contrário. Ele troca o refreamento de prazer, em prol de segurança e de amparo sociais, pela expansão do prazer ao custo do individualismo privatista que o lança à própria sorte na sociedade (Bauman, 1998). Prisioneiro da ideologia capitalista confunde-se com seu modo de gozar, encontrando em seu corpo a liberação de um gozo que só pode se apresentar na sua versão angustiosa, que Lacan nomeou de gozo do Outro (Valas, 2001). Resumidamente, poderíamos acrescentar que anteriormente, com o sujeito da Viena de Freud, prevalecia o impedimento e uma culpa por gozar, ao passo que no entardecer da sociedade capitalista a prevalência é por um imperativo que incita ao gozo e a correspondente culpa por não poder gozar tanto mais conforme se quer:

Se no início do século XX, período das primeiras descobertas freudianas, o supereu proibidor dos desejos preparava o terreno para entrada em cena da histeria, bem como da neurose obsessiva, nos tempos atuais, dada as devidas mudanças sócio-históricas, fala-se de uma nova formação superegóica, de um *superego pós-moderno* (Zizek, 1999). Reflexo da *cultura do narcisismo* (Lash, 1983), o homem pós-moderno estaria mergulhado na busca desenfreada pelo prazer a todo custo. Antes havia um impedimento ao gozo e a culpa por gozar [...] – enquanto que na atualidade haveria um imperativo ao gozo (principalmente o consumista) e a culpa generalizada por não se conseguir gozar na medida em que este é ofertado, o que Zizek (1999), partindo de Jacques Lacan, denomina *moral do gozo*. Moral essa muito bem-vinda aos olhos do capitalista pós-moderno [...] que tem como corolário os novos impasses subjetivos (mal-estares) da atualidade, a saber, as depressões, síndromes do pânico, distúrbios psicossomáticos e, sobretudo, as compulsões de todos os tipos com destaque para as toxicomanias. (Périco & Justo, 2011, p. 152, grifos dos autores)

No final de sua vida Freud soube reconhecer os avanços de sua teoria, percebendo novas mudanças e rumos que se delineavam no desenrolar da história e da civilização. Em “Moisés e o monoteísmo”, ao discutir o governo da Rússia Soviética, apontou os mecanismos e as artimanhas de controle exercidas por essa governabilidade nascente, sem deixar de acentuar que se despontava ali uma população saindo do “ópio” da religião para a exacerbação de uma maior “liberdade” sexual (Freud, 1939[1934-1938]/1996). A pós-modernidade vem radicalizar essa era, encontrando na dimensão do gozo, atroz, o apanágio de um gozo todo banhado pelo além do prazer e angústia intensos (Cukiert & Prizskulnik, 2002) no consumismo.

Aprisionado em um gozo que escapa à realidade do laço social, temos o efeito de uma sociedade que persegue um *mais além do princípio de prazer*. As relações são pautadas principalmente no imaginário por meio da busca hedonista. Dialogando com a psicanálise coloquemos em discussão, então, que este Outro da pós-modernidade, personificado na indústria cultural, do entretenimento e nas mercadorias, tem a demanda de um consumo direcionado à ilusão de um prazer sem limites e, no entanto, jamais realizável (Costa & Moreira, 2010). “Fica bem ilustrado o que é ceder de seu desejo e a consequência que é se perder nas brumas de uma promessa de gozo ao alcance da mão. Tratando-se de um confronto sem mediação, o desfecho não poderia ser diferente da morte de ‘um’ no ‘Outro’” (Costa-Rosa & Rosa, 2011, p. 326).

O próprio corpo, antes sólido, agora navega “desmanchado no ar”, carregando feridas provocadas pelos atritos da velocidade que o volatiliza, o despedaça e o torna flexível e vulnerável. O corpo, inflado pelo excesso de ofertas de gozo, transborda-se de sentidos de estatuto imaginário, sendo frágil ante o encontro com o Real, e são as angústias eclodindo como impasses que vazam e se colocam à sua frente. Teríamos certa covardia se acreditarmos na ausência do impossível? Ater-nos ao adágio de que um dia teremos a plenitude na felicidade se consumirmos de maneira superabundante? Isto se coloca como o problema central na depressão e no tédio (Costa-Rosa & Rosa, 2011). Portanto, resgatarmos o conceito de impossível é preciso para não perdermos de vista o limite entre o gozo e o desejo.

### **Considerações finais**

Digamos que a lei de mercado está na contramão da lei da metáfora paterna, “não esconde que seu modo de regulação das relações sociais é a crise, a catástrofe” (Costa-Rosa & Rosa, 2011, p. 324). A cultura prevalecente é detentora e criadora de subjetividades, modela-se sob a lógica de seu interesse, fruindo o gozo por caminhos opostos aos da subjetivação pela via das relações intersubjetivas. Nesse imaginário de mundo não há mediações para se “ter” o que se quer, não há que se “movimentar” por mediadores, não é necessário orientar-se pela *falta-a-ser* para se ter o que é necessário para (sobre)viver. Nesse mundo desenfreado, sem limites, compulsivo, o tempo e o espaço são ilimitados, são experimentados como horizontes infinitos e sem barreiras. Vive-se a ilusão do alcance de objetos situados em quaisquer lugares, vive-se a ilusão da abolição do espaço, das fronteiras espaciais. No mundo das mercadorias, tudo está ao alcance das mãos e à pronta entrega ao leve sinal do dinheiro.

O eu narcísico carrega a imagem da completude, contém e é contido ele próprio, por objeto do Outro, brinquedo da alienação; um e outro fundidos num só. Portanto, não (re)conhece propriamente a experiência do espaço como aquilo que separa e se interpõe entre o eu e o objeto, entre o eu e o Outro. Sem as barreiras, desliza-se imediatamente pelo paraíso do absoluto: não se tem que aguardar, adiar. No mundo capitalista do consumismo tudo está ao lado e sempre presente, como é da lei da compressão tempo-espaço, da lei da instantaneidade.

Em meio à dominância do capital aprisionador de escravos, encontramos nas vazantes da psicanálise inscrita no campo de Freud e Lacan uma *Ética do bem-dizer*, que sustenta o desejo em seu mais escorregadio deslizamento pela cadeia de significantes. Em tal vazante, saímos da lógica do *cronos* e nos inserimos na lógica de *Kairós*. Levando em consideração o tempo do sujeito em uma realidade sempre *Outra*, na qual tempo e espaço são construídos na relação Eu-Outro, na intersubjetividade. Portanto, sem submissão à alienação cristalizante produzida pelo mercado.

A compreensão dos diferentes modos e processos de subjetivação no contemporâneo, imersa na atual sociedade de consumo, é o grande desafio da clínica em particular. Desafio que implica não esquecermos da dimensão de impossível nos discursos, de que não há um saber capaz de dar conta do Real. A importância de encarnar uma posição de semblante(s) de objeto(s) como forma de abertura ao sujeito de reconhecimento da castração, dos limites do gozo na relação com o Outro. Em outras palavras, o desafio é criar condições para que o sujeito possa diferir em seus encontros. Apostamos que com a *Ética* da psicanálise podemos supor um sujeito do inconsciente no indivíduo objetificado e preso aos ideais socioculturais de uma sociedade de consumo.

#### **Notas:**

<sup>1</sup> Modo de produção pelo qual a acumulação do capital e o consumo das mercadorias por parte dos sujeitos se dá pela produção maciça de signos, promessas de prazeres sem limites, oriundos da indústria capitalística cultural.

<sup>2</sup> A *Lei do desejo*, do significante Nome-do-Pai, como o que barra o desejo do Outro, é entendida tanto no processo de constituição do sujeito, quanto nos processamentos subjetivos da "máquina humana de subjetivar" ao longo da vida. A metáfora é o que opera a *Lei* estruturante, capaz de introduzir o sujeito tanto na cadeia significativa (onde desliza os sentidos), quanto, e consequentemente, no laço social, ou seja, na realidade propriamente dita e compartilhada.

<sup>3</sup> Sistema socioeconômico hegemônico, centrado em meios de produção e distribuição de lastro na propriedade privada. A produção da mais-valia como efeito das relações alienantes dos homens entre os homens, do homem com a natureza e do homem com o trabalho (Marx, 1982/2010).

<sup>4</sup> Definimos as Formações Sociais como a materialização concreta de uma sociedade, produzindo-se nas relações do homem com a natureza e dos homens com os homens. As Formações Sociais são determinadas historicamente. E, em contínuos processos de mudanças, expressam os Modos de Produção da vida material de um povo, em seus aspectos: social, econômico, cultural, afetivo ou político.

#### **Referências Bibliográficas**

- Bauman, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar.  
Bergson, H. (2006). *Duração e simultaneidade*. São Paulo: Martins Fontes.

- Berman, M. (1986). *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bifo, F. B. (2007). *Generación Post-Alfa: patologias e imaginários en el semicapitalismo*. Buenos Aires: Tinta Limón.
- Cabrera, D. H. (2006). *Lo tecnológico y lo imaginário: las nuevas tecnologías como creencias y esperanzas colectivas*. Buenos Aires: Biblos.
- Colvara, L. F. (2011, jun.). Porque as redes não comunicam: questionamentos em torno da ilusão da sociabilidade. In XX Encontro da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Connor, S. (2004). *Cultura Pós-Moderna: introdução às teorias do contemporâneo*. São Paulo: Loyola.
- Costa, D. B. & Moreira, J. O. (2010). Angústia e declínio da representação: uma leitura psicanalítica do mal-estar na contemporaneidade. *Psicologia & Sociedade*, 22(2), 225-235.
- Costa-Rosa, A. & Rosa, T. E. C. (2011). Envelhecimento, tempo e desejo na hipermodernidade. In Trench, B. & Costa-Rosa, T. E. (Orgs.). *Nós e o Outro: envelhecimento, reflexões, práticas e pesquisa* (pp. 321-344). São Paulo: Instituto de Saúde (Coleção Temas em Saúde Coletiva, n. 13).
- Cukiert, M. & Prizskulnik, L. (2002). Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. *Estudos de Psicologia*, 7(1), 143-149. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10961.pdf>.
- Debord, G. (2003). *A Sociedade do Espetáculo*. E-book digitalizado por Coletivo Periferia e eBooks Brasil.
- Deleuze, G. (1992). Post-scriptum Sobre as Sociedades de Controle. *Conversações*. Rio de Janeiro: Ed 34.
- Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Freud, S. (1996). A dinâmica da transferência. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 12, pp. 109-119). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1912).
- Freud, S. (1996). A história do movimento psicanalítico, artigos sobre metapsicologia e outros trabalhos. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996). Moisés e o monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 23). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1939[1934-1938]).
- Freud, S. (1996). O mal-estar na civilização. In J. Salomão (Trad.) *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 21). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 1930[1929]).

- Giddens, A. (2003). *Mundo em descontrolado: o que a globalização está fazendo de nós*. Rio de Janeiro: Record.
- Gondar, J. (2006, jan.-jun.) Winnicott, Bergson, Lacan: tempo e psicanálise. *Ágora*, 1(9), 103-117. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Greiner, C. & Amorim C. (2007). *Leituras da morte*. São Paulo: Annablume.
- Harvey, D. (1992). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Loyola.
- Jameson, F. (1997). *Pós-modernismo. A lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática.
- Lacan, J. (1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. *Escritos* (pp. 96-103). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1949).
- Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1957-1958).
- Lacan, J. (1997). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1959-1960).
- Lacan, J. (1998). Posição do inconsciente. *Escritos* (pp. 843-864). Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1966).
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar (Trabalho original publicado em 1969-1970).
- Liotard, J.-F. (1989). *A condição pós-moderna*. Lisboa: Gradiva.
- Marx, K. (2005). *Para a crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural (Trabalho original publicado em 1857).
- Marx, K. (2010). *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Boitempo (Trabalho original publicado em 1982).
- Périco, W. & Justo, J. S. (2011). O mal-estar no trabalho: a culpa como mal-estar e a culpa do mal-estar. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 1(11), 135–169. Fortaleza.
- Périco, W. (2014). *Contribuições da psicanálise de Freud e Lacan a uma psicoterapia Outra: a clínica do sujeito na Saúde Coletiva*. (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis - Universidade Estadual Paulista. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Assis.
- Poli, M. C. (2008, jun.). O psicanalista como crítico cultural: o campo da linguagem e a função do silêncio. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 2(8), 365-378. Fortaleza.
- Quinet, A. (2006). *Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Quinet, A. (2008). *A descoberta do inconsciente: do desejo ao sintoma*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Rinaldi, D. (2011). Invenções contemporâneas: proximidade, ética e gozo. *Dimensions de la psychanalyse*. Recuperado de [http://dimpsy.online.fr/dimensionsdelapsychanalyse/bibliotheque/2011/DorisRinaldi\\_\\_Invencoes\\_contemporaneas\\_proximidade\\_\\_etica\\_e\\_gozo.pdf](http://dimpsy.online.fr/dimensionsdelapsychanalyse/bibliotheque/2011/DorisRinaldi__Invencoes_contemporaneas_proximidade__etica_e_gozo.pdf).

- Rivera, T. (2008, dez.). Ensaio sobre o espaço e o sujeito. Lygia Clark e a psicanálise. *Ágora*, 2(11), 219-233. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Rolink, S. (1997). Toxicômanos de identidade: subjetividades em tempo de globalização. In Lins, D. (Org.). *Cultura e Subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papirus.
- Santo Agostinho. (1999). *Confissões*. São Paulo: Nova Cultural.
- Valas, P. (2001). *As dimensões do gozo: do mito à pulsão*. Rio de Janeiro: Zahar.

**Citação/Citation:** Costa, F. M. & Justo, J. S. (nov. 2014 a abr. 2015). Pós-modernidade e modos de subjetivação: proposições da psicanálise do campo de Freud e Lacan. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 1(19), 43-55. Disponível em [www.isepol.com/asephallus](http://www.isepol.com/asephallus). doi: 10.17852/1809-709x.2019v10n19p43-55

**Editor do artigo:** Tania Coelho dos Santos.

**Recebido/Received:** 09/09/2015 / 09/09/2015.

**Aceito/Accepted:** 14/09/2015 / 09/14/2015.

**Copyright:** © 2013 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.